

Apontamentos sobre cristologia joanina: pressupostos epistemológicos da saga cristológica do herói do Quarto Evangelho

Appointments about johannine christology: epistemological budgets of the christological saga of the Fourth Gospel hero

*Danilo Dourado Guerra**

Resumo: O presente artigo tem em sua gênese uma tentativa de contribuição epistemológica em relação aos meandros que envolvem o complexo processo de construção e estruturação cristológica no Quarto Evangelho. Nesse intuito, objetivamos fornecer alguns substratos teóricos interpretativos para um ensaio de decodificação da enigmática face do Jesus joanino. O primeiro substrato teórico a ser apontado diz respeito ao âmbito dialógico entre a cristologia joanina e o restante do arcabouço cristológico neotestamentário. A segunda camada teórico-interpretativa abordada alude aos vetores interpretativos circunstanciais da vida da comunidade joanina, que corroboram ou influenciam na construção da imagem do herói do Quarto Evangelho.

* Doutorado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, com estágio doutoral sanduíche na Università Degli Studi di Padova, Itália (2017). Bolsista CAPES PROSUC/PDSE. E-mail: daniloatlanta@gmail.com.

Palavras-chave: Jesus; cristologia; Evangelho de João; herói

Abstract: The present article has in its genesis an attempt of epistemological contribution in relation to the meanders that involve the complex process of construction and christological structuration in the Fourth Gospel. In this sense, we aim to provide some interpretive theoretical substrates for an essay to decode the enigmatic face of the johannine Jesus. The first theoretical substrate to be pointed out concerns the dialogical scope between the johannine Christology and the rest of the New Testament Christological framework. The second theoretical-interpretative layer addressed concerns the circumstantial interpretive vectors of the life of the johannine community, which corroborate or influence the construction of the image of the hero of the Fourth Gospel.

Keywords: Jesus; christology; Gospel of John; hero

1. Introdução

Jesus de Nazaré certamente sempre soube quem ele era, bem como tinha conhecimento da dimensão da sua missão, vida e obra entre os seres humanos. É bem possível que uma crise indentitária nunca tenha feito parte da sua vida. Por outro lado, a questão da sua identidade quase sempre pode ser concebida como um enigma a ser decifrado por aqueles(as) que o seguiram, lembraram e escreveram acerca dele.

O enigma da identidade de Jesus proclama alguém grande demais para ser compreendido de uma só vez, em um só momento. Sua vida, obra e principalmente sua pessoa transitam na esfera do mistério noemático¹ que se dá mediante um processo revelacional que necessita de uma estrada, de uma

¹ Cf. TOURINHO, Carlos Diógenes Côrtes. A estrutura do noema e a dupla concepção do objeto intencional em Husserl. *Veritas*, Porto Alegre, v. 58, n. 3, p. 482-498, set./dez. 2013. O termo noemático deriva do conceito fenomenológico de noema. Noema é “uma palavra de origem grega que pode ser traduzida como ‘compreensão’ [...] Na medida em que adentramos na camada intencional do vivido e, portanto, na estrutura da consciência transcendental, deparamo-nos com o noema: a vivência orientada objetivamente” (TOURINHO, 2013, p. 483-491).

caminhada com ele. Nesse longo trajeto experiencial, mesmo que plenamente consciente de sua identidade, o herói dos apóstolos(as)² se permitiu conhecer antes, durante e depois do seu caminho para a cruz.

O herói é uma figura arquetípica³ encontrada em todos os tempos, sociedades e culturas⁴. Tal figura transita nos imaginários como um símbolo prototípico de proteção⁵, uma espécie de salvador do mundo. Em síntese, apesar da origem e estrutura ontológica do herói não serem muito nítidas, etimologicamente a palavra grega (*héros*) possivelmente significa o "guardião, o defensor, o que nasceu para servir"⁶.

Este arquétipo heroico se reproduz em várias dinâmicas e faces na atmosfera histórica e nas linhas do Novo Testamento. Em seu tempo, figuravam os heróis guerreiros, geralmente de linhagem real⁷. Estes eram intrépidos e grandiosos combatentes que lutavam por um ideal e estavam prontos a sacrificar sua vida para alcançar a glória da imortalidade, vivendo, assim, para sempre na esfera social dentro da memória de seus descendentes. Por outro lado, sob uma esfera mítica, existiam os heróis semideuses; estes habitavam o mundo dos humanos, viviam uma vida mortal, mas após executar um grande feito mereciam alcançar o *status* de divindade, e, em consequência, possuíam culto instituído⁸.

Por sua vez, figuravam os heróis que eram humanos, mas que, em algum momento de suas histórias, eram ‘tornados’ divinos⁹. Tais heróis, quase

² GUERRA, Danilo Dourado. *Heróis em cena: a construção paradigmática contracultural da mesocristologia joanina*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

³ CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990, p. 150. Para Campbell (1990, p. 150) há uma sequência arquetípica de ações heroicas que pode “ser detectada em histórias provenientes de todas as partes do mundo, de vários períodos da história”. Sob essa perspectiva, essencialmente existe apenas “um herói mítico, arquetípico, cuja vida se multiplicou em réplicas, em muitas terras, por muitos, muitos povos”.

⁴ CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*, p. 137.

⁵ BRELICH, Angelo. *Gli eroi greci: un problema storico*. Roma: Edizioni dell’Ateneo e Bizzarri, 1978, p. 225.

⁶ BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 15.

⁷ BRELICH, Angelo. *Gli eroi greci: un problema storico*, p. 225.

⁸ STEVANOVIĆ, Lada. Human or Superhuman: the Concept of Hero in Ancient Greek Religion and/In Politics. *Bulletin of the Institute of Ethnography*, Belgrade, v. 56/2, 2008, p. 7.

⁹ MATOS, Olgária Chain Féres. Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional. *Tempo Social*, São Paulo, v. 6, n. 1-2, 1994, p. 84.

sempre governantes ou imperadores, geralmente após sua morte, alcançavam a glória¹⁰. Sob um rito sacralizante, estes eram inseridos no panteão, esculpido imagética e simbolicamente como monumentos¹¹, sendo, assim, dignos de devoção, beneméritos de culto. Estes eram elevados da terra aos céus.

Diante de todas essas faces do herói da antiguidade, a partir de um prisma narratológico dos Evangelhos, Jesus pode ser concebido como o herói dos apóstolos. Sob essa perspectiva, um herói é definido por seu extraordinário conhecimento e / ou habilidade em comparação com os outros atores do mundo da narrativa¹². Dentro dessa tessitura, os escritos neotestamentários, de forma particular os joaninos, destacam a existência de um herói que era rei, mas que também passou a ser compreendido em sua glória e cultuado como quem ele sempre fora desde a eternidade. Um herói que sempre fora divino, mas que, ao optar pela humanidade, decidiu se tornar humano. Este, ao inverso de muitos, desceu dos céus para a terra.

Na rota cristológica neotestamentária, esta compreensão acerca do herói se vincula diretamente aos paradigmas da fé e da experiência, haja vista que, no âmbito do crer, acionam-se uma realidade kerigmática, um anúncio ou uma notícia que só faz sentido para aqueles(as) que as integram ao seu próprio

¹⁰ STEVANOVIĆ, Lada. *Human or Superhuman: the Concept of Hero in Ancient Greek Religion and/in Politics*, 2008.

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações Intempestivas*. Tradução de Lemos de Azevedo. Portugal: Editorial Presença, 1977, p. 117.

¹² BRO LARSEN, Kasper. Narrative docetism: christology and storytelling in the Gospel of John. In: BAUCKHAM, Richard; MOSSER, Carl (Orgs). *The Gospel of John and Christian theology*. Grand Rapids: Eerdmans, 2008, p. 347-352. Cf. DUNDES, Alan. *The hero pattern and the life of Jesus*. Berkeley: Center for Hermeneutical Studies in Hellenistic and Modern Culture, 1977. De acordo com a extensa pesquisa de Dundes (1977, p. 1-30), a vida de Jesus deve ser entendida como uma versão muito especial do modelo de herói indo-europeu. Dentre os elementos que enquadram Jesus no modelo heroico estão: mãe virgem, concepção incomum, herói reputado como filho de Deus, tentativa de se matar o herói; fuga do herói (fuga para o Egito); criado por pais adotivos; nenhum detalhe da infância; caminha para um reino futuro; torna-se rei; reina sem intercorrências por um tempo, prescreve leis, perde o favor de alguns de seus súditos (como por exemplo, Judas); encontra morte misteriosa, no topo de uma colina, o corpo não está enterrado, ele tem um santo sepulcro (DUNDES, 1977, p. 10).

destino¹³. Esse anúncio só é possível mediante a fé no absurdo¹⁴. Sob essa ótica, o motivo e fundamento é que, nos primórdios e no centro da fé cristã e da comunhão eclesial, não estão um livro ou uma ideia abstrata, mas uma pessoa viva¹⁵. Destarte, no pressuposto da vida do herói dos apóstolos(as), encontra-se a matriz estruturante do que compreendemos por cristologia.

O termo¹⁶ cristologia, por sua vez, significa literalmente a doutrina ou discurso acerca de Jesus, o Cristo¹⁷. O mesmo termo abarca todas as expressões atribuídas a Jesus, quem ele foi e sua missão diante de um plano divino¹⁸.

No que diz respeito aos protocristianismos, as concepções cristológicas são múltiplas e variadas, a começar pela suposta diferença de perspectivas acerca do retrato de Jesus que transitem desde a percepção em relação ao seu caráter messiânico até a alusão acerca da sua divindade¹⁹. Hengel já dizia que a enigmática cristologia neotestamentária “tem início definitivo na pessoa de Jesus concebida no seu sentido duplo: como mestre

¹³ MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. Tradução de Nadyr de Salles Penteadó. São Paulo: Loyola, 2008, p. 24.

¹⁴ KIERKEGAARD, Soren. *Temor e Tremor*. Tradução de Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: tecnoprint, s/d.

¹⁵ Cf. KESSLER, Hans. *Manual de cristologia*. Traducción Claudio Gancho y Marciano Villanueva. Barcelona: Herder Editorial, 2003, p. 31. Acerca dessa pessoa viva, o Novo Testamento aponta e testemunha (KESSLER, 2003, p. 31).

¹⁶ Nesse artigo, consideramos uma distinção entre cristologia e cristologia jesuânica. O termo cristologia por si só pode ser compreendido como o estudo acerca do Cristo (O messias), (mas que Messias?). Nesse aspecto, o termo não se refere apenas a Jesus, mas, sim, ao estudo acerca de todos os prováveis Cristos da história. Por outro lado, a cristologia neotestamentária e, mais precisamente, a jesuânica, tratam acerca especificamente da pessoa de Jesus de Nazaré como o Cristo. Essa é a que nos interessa aqui.

¹⁷ KESSLER, Hans. *Manual de cristologia*, p. 31. Christos é a tradução grega do hebraico Mashiah (Ungido de Deus). Assim, a forma latinizada Christos não é originariamente um sobrenome do personagem histórico Jesus de Nazaré, senão uma confissão de fé nele (KESSLER, 2003, p. 31).

¹⁸ BROWN, Raymond E. *Introducción a la cristología del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sigueme, 2001. BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João: Comentário*. Tradução de Johan Konings. São Paulo: Loyola, 2013. Disponível em <<http://livrozilla.com/doc/1149300/beutler-coment%C3%A1rio-i-sem-categoria-coment%C3%A1rio>> Acesso em: 21 jun. 2018.

¹⁹ Acerca dessa temática cf. BOUSSET, Wilhelm. *Kyrios Christos: a History of the Belief in Christ from the Beginnings of Christianity to Irenaeus*. Translated by John E. Steely. Nashville: Abingdon, 1970. BULTMANN, Rudolf. *Primitive Christianity in its Contemporary Setting*. Translated by R. H. Fuller. London: Thames and Hudson, 1956.

dos discípulos que foi crucificado como um messias, por um lado, e como o senhor exaltado das primeiras comunidades, por outro”²⁰.

Todavia, em um âmbito exegético, torna-se difícil a distinção tanto em relação a esses horizontes de interpretação, que, por sua vez, concebem seu aparato cristológico, quanto em relação às supostas faces da figura de Jesus Cristo. Não obstante, compreendemos que esse panorama de complexidades e dicotomias interpretativas acerca da pessoa de Jesus torna-se mais clarificado nos escritos do Novo Testamento, na medida em que sua cristologia é concebida como uma realidade processual e gradativa²¹. Esse desenvolvimento progressivo que parte da concepção de um Jesus terreno para um Jesus divino não é um tipo de evolução qualitativa, mas, como já salientado, a evidenciação de um acontecimento grande demais para ser compreendido de forma imediata em toda sua misteriosa profundidade²².

Nesse encadeamento, o fator preponderante para a elaboração cristológica neotestamentária se encontra, sobretudo, nas etapas que englobam desde: 1- a vida de Jesus; 2-a experiência pascal dos discípulos; 3- a presença de Jesus no culto cristão; 4- a reflexão das comunidades dirigidas pelo Espírito Santo acerca das funções do Cristo²³.

Frente a esse âmbito investigativo, deparamo-nos com uma primeira questão: qual a relação entre cristologia joanina e o restante da cristologia neotestamentária? Quais as dialogicidades e diferenças estabelecidas entre essas matrizes de interpretação do Cristo?

A priori, o que podemos inferir é que nas últimas décadas grandes avanços foram feitos no que tange ao estudo do Quarto Evangelho²⁴. Dentre diversos aspectos elencados, a cristologia merece destaque especial²⁵. Poder-

²⁰ HENGEL, Martin. *Studies in early christology*. New York: Clark International, 2004, p. 17, tradução própria.

²¹ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Tradução de Daniel Costa e Daniel de Oliveira. São Paulo: Liber, 2001, p. 412.

²² SEGALLA, Giuseppe. *A cristologia do Novo Testamento: um ensaio*. Tradução de José Luís Gonzaga do Prado. São Paulo: Loyola, 1992, p. 107.

²³ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*, p. 412.

²⁴ A partir daqui, adotaremos a sigla QE para nos referirmos ao Quarto Evangelho.

²⁵ MARTYN, J. Louis. *The gospel of John in christian history: essays for interpreters*. New York: Paulist Press, 1979b, p. 1.

se-ia argumentar, acima de tudo, que o Evangelho joanino é uma obra cristológica, visto que Jesus é o personagem central de suas narrativas, sinais e discursos²⁶. No âmbito neotestamentário, o Evangelho joanino figura como um complexo cristológico e cristocêntrico. A partir de um quadro comparativo em relação aos sinóticos, Jesus é mencionado no QE 237 vezes, enquanto em Mt 150 vezes, em Mc 81 vezes, em Lc 89 vezes, o que demonstra a centralidade de Jesus para a comunidade joanina²⁷.

Em suma, o núcleo cristológico joanino concentra-se na tentativa de responder quem é Jesus²⁸. Diante dessa complexa indagação, a tentativa de resposta está intimamente ligada a um processo de compreensão acerca do herói joanino. Martyn²⁹ denomina esse processo de movimento dinâmico cristológico. Nessa trajetória, Jesus é compreendido cada vez mais de forma gloriosa.

Em nossa investigação, nomeamos esse movimento de saga cristológica joanina, ou saga cristológica do herói joanino. Essa se constitui em um enredo metodológico-reconstitutivo proposto para a identificação do processo de compreensão cristológico da comunidade do QE³⁰. Esse movimento dinâmico e histórico de apreensão acerca da pessoa de Jesus se faz estruturado por diversos pressupostos epistemológicos basilares, articulados ao longo da caminhada dos grupos joaninos. São esses pressupostos que interagem, estruturam e delineiam os passos e a compreensão da comunidade joanina acerca do herói em cena. É acerca destes pressupostos que pretendemos tratar nesse artigo.

Nessa trama, o primeiro pressuposto a ser abordado diz respeito ao âmbito dialógico entre a cristologia joanina e o restante do arcabouço cristológico

²⁶ MATERA, Frank J. *Cristologia narrativa do Novo Testamento*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, Vozes, 2003, p. 319-320.

²⁷ TUÑI VANCELLS, Josep-Oriol. La estructura hermenéutica em el evangelio de Juan. E.E. 62, p. 215-235, 1987, apud TEPEDINO, Ana Maria Azevedo Lopes. *Espiritualidade e ética: Jesus Cristo e a história da Comunidade joanina*. Tese (Doutorado em Teologia) – PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1993.

²⁸ SCHNACKENBURG, Rudolf. *Jesus Cristo nos quatro Evangelhos*. Tradução de Guido Edgar Wenzel. São Leopoldo: Unisinos, 2001, p. 245.

²⁹ MARTYN, J. Louis. *History & Theology in the Fourth Gospel*. Nashville: Abingdon, 1979a.

³⁰ GUERRA, Danilo Dourado. *Heróis em cena: a construção paradigmática contracultural da mesocristologia joanina*, 2018.

neotestamentário. Nesse ponto, faremos alguns apontamentos em relação à cristologia neotestamentária, dos quais a ressurreição do herói se faz o principal. Da mesma forma, na esfera das complexidades que envolvem o núcleo cristológico do QE, propomos assinalar alguns vetores interpretativos circunstanciais da vida da comunidade joanina, que, contingencialmente corroboram ou influenciam na construção da imagem de seu herói. Nisso consiste nosso desafio.

2. A ressurreição do herói: apontamentos acerca da cristologia neotestamentária

Convém lembrar que o herói parece sempre imaginado com traços tomados ao Sol. Também o Sol percorre uma carreira, cujas diferentes etapas são facilmente assimiladas às de uma vida brilhante: aurora, zênite, crepúsculo [...]; Como o herói, o Sol entra na sombra. A sua aurora é um nascimento, mas o seu ‘pôr’ é somente uma morte aparente. Diferentemente da Lua, que é imaginada morta durante os três dias de escuridão, o Sol parece ter descido ao reino das trevas, aos infernos, que ele atravessa sem ser atingido pela morte [...]. Como o Sol, o herói é invencível³¹.

O sol, astro que prefigura a poética do herói, introduz-nos nas sendas da cristologia neotestamentária. Dentro de uma gama de pluralidades, estas cristologias têm um ponto de referência em comum, um prévio fundamento real sob o qual elas se sustentam: Jesus de Nazaré, crucificado e ressurreto. A ele se atribuem os predicados, ele é sujeito da confissão cristã e acerca dele se narra³².

Em tempos onde o arquétipo do herói trágico remete à imagem de um herói fracassado, a poética neotestamentária detalha o retrato daquele quem foi herói não apesar da cruz, mas também por ela. Eis que o herói da paixão³³

³¹ SELLIER, Phillipe. *Le Mythe du Héros*. Paris: Bordas, 1970.

³² KESSLER, Hans. *Manual de cristologia*, p. 116.

³³ RENAN, E. Vida de Jesus. Tradução de Eliana Maria de A. Martins. São Paulo: Martin Claret, 2003, *apud* CHAVES, Ermani; SENA, Allan Davy Santos. Nem gênio, nem herói: Nietzsche, Renan e a figura de Jesus. *Rev. Filos*, Aurora, Curitiba, v. 20, n. 27, jul./dez. 2008, p. 328.

não figura aquém da cruz, mas vai além dela através da voz de comunidades cristãs originárias que proclamam um herói ressurreto. Nesse cenário, a ressurreição é fator diametralmente oposto ao paradigma da morte do herói, haja vista que o herói do Novo Testamento não só morre, mas de forma gloriosa triunfa sobre o mal da humanidade, a própria morte.

Diante desse ato incrível, sobeja aos poetas do Novo Testamento contar acerca da pessoa e dos feitos do herói. Uma vez que “o poeta não pode realizar aquilo que faz o herói: resta-lhe apenas admirá-lo, amá-lo e alegrar-se com ele”³⁴. É nessa esfera de fascínio e proclamação que se configura a cristologia neotestamentária.

No estudo acerca da cristologia no Novo Testamento, algo pertinente a ser ponderado é que as cristologias se constroem e se relacionam a partir da consideração da existência de uma dupla realidade de horizontes nesse processo. Um dos apontamentos iniciais a serem feitos é que o prisma hermenêutico que considera a existência de um duplo horizonte³⁵, ou seja, o horizonte da vida de Jesus e o horizonte da vida das comunidades como um pressuposto exegético das narrativas neotestamentárias também pode ser aplicado no estudo das cristologias no Novo Testamento. Dentro dessa configuração hermenêutica, por um lado, a vida de Jesus se faz gênese de todo pensamento cristológico em razão da consciência messiânica do próprio Jesus, e, por outro, as cristologias são concatenadas devido às reações que sua pessoa e sua obra despertaram em seus seguidores(as)³⁶.

Kessler³⁷ identifica as cristologias instaladas nesse duplo horizonte como cristologia implícita e cristologia explícita. Por cristologia implícita, ele compreende a concepção cristológica produzida pelo próprio Jesus acerca de si mesmo, evidenciada nas narrativas dos Evangelhos. Segundo esse entendimento, o próprio Jesus tinha consciência da relevância cristológica de sua ação. Por outra

³⁴ KIERKEGAARD, Soren. *Temor e Tremor*, p. 35.

³⁵ MARTYN, J. Louis. *History & Theology in the Fourth Gospel*, 1979a.

³⁶ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*, p. 414.

³⁷ KESSLER, Hans. *Manual de cristologia*, p. 65-66.

parte, por cristologia explícita, se compreende o complexo cristológico elaborado pelos seguidores(as) de Jesus após sua morte e ressurreição.

A nosso ver, esta diferenciação das cristologias pode ser concebida dentro de um caráter pedagógico e auxiliador exegético, visto que não desconsidera a existência de um contexto imediato que reflete a vida e obra de Jesus, bem como não suprime a influência desse contexto dentro do processo de interpretação e construção cristológica ulterior. Por outro lado, a cristologia implícita de Jesus só se equaciona como documento escrito a partir da memória e do testemunho dos seus próprios seguidores(as).

À luz dessa prospectiva, retornamos aos jogos da interpretação. No caso da pesquisa científica, a única cristologia a que temos acesso é a cristologia produzida pelos seguidores(as) de Jesus, mesmo que essa certamente seja influenciada pela cristologia do próprio Jesus no seu tempo. Por essa razão, em nossa investigação, consideramos a existência e a influência da cristologia do tipo implícita dentro do processo de construção da cristologia explícita joanina. Contudo, optamos por analisar a cristologia produzida no âmago dos que creram nele.

Culmann³⁸ corrobora com nossa posição ao afirmar que a base de toda cristologia é a vida de Jesus e a gênese da cristologia neotestamentária está intimamente ligada com sua obra redentora. Em suas palavras, “nem o povo, nem os discípulos compreenderam, a princípio, as alusões mais ou menos veladas de Jesus. Foram, antes, as relações cotidianas com ele, o ensino e a ação dos quais foram testemunhas, o que lhes incitou a se perguntarem quem era Jesus e qual o sentido de sua ação”³⁹. Nesse ínterim, destaca-se uma cristologia produzida pelo próprio Jesus, mas também se aponta para um processo de reflexão cristológica produzida por seus seguidores⁴⁰.

Também na concepção de Moingt⁴¹, Jesus não é um caso arquivado. A credibilidade de Jesus não é dissociável do rumor vivo e originário acerca

³⁸ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*, p. 412-414.

³⁹ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*, p. 415.

⁴⁰ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*.

⁴¹ MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 24.

de sua pessoa. À luz dessa compreensão, Jesus não pode permanecer vivo em nossa história a não ser através da maneira pela qual entrou nela, impulsionado pelo testemunho daqueles(as) que o seguem. No tocante ao Evangelho joanino, esse testemunho remete à memória do herói ressurreto, na qual a cristologia joanina se estrutura também por meio do revisitar os discursos e ensinamentos do próprio Jesus. A cada passo cristológico, a memória acerca de Jesus é acionada e confirma a compreensão forjada nos dias da comunidade.

De maneira substancial, a cristologia joanina é uma forma de confessar aquele quem traz sentido e significação para suas vidas⁴². Na saga cristológica joanina, o kerigma do herói, como bem postula Moingt, só faz sentido para aqueles que primeiramente o integram ao seu próprio destino⁴³.

Posto em outros termos, podemos dizer que a partir de um processo de fusão de horizontes⁴⁴ a cristologia implícita de Jesus influencia a construção da cristologia explícita dos seus seguidores. Por outro lado, sob a mesma perspectiva da fusão de horizontes e cristologias, a linha de identificação entre o implícito e o explícito se torna cada vez mais tênue. No âmbito neotestamentário, esses dois horizontes cristológicos se fundem e se inter-relacionam na medida em que a vida e obra de Jesus se fazem presentes na memória e nos dias das comunidades cristãs originárias. Por esse motivo, essa fusão de horizontes e cristologias constitui-se em um dos pressupostos de análise cristológica do Evangelho joanino. No caso do QE, sua elaboração cristológica se confunde com a vida de sua comunidade, na medida em que dentro da dinâmica experiencial do crer⁴⁵, os passos e horizontes da vida de Jesus e da história da comunidade se interpenetram, se misturam.

Na concepção de Kessler, a cristologia do Novo Testamento no fundo não faz mais do que evidenciar as consequências da fé pascal. Segundo o autor,

⁴² TEPEDINO, Ana Maria Azevedo Lopes. *Espiritualidade e ética: Jesus Cristo e a história da Comunidade joanina*, p. 166.

⁴³ MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, 2008.

⁴⁴ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meuer. Petrópolis: Vozes, 1997.

⁴⁵ TEPEDINO, Ana Maria Azevedo Lopes. *Espiritualidade e ética: Jesus Cristo e a história da Comunidade joanina*, 1993.

a cristologia neotestamentária se origina e se fundamenta primordialmente em dois pressupostos: 1-a vida e os ensinamentos de Jesus; 2- sua morte e ressurreição dentre os mortos. Sob esse ângulo, não há produção cristológica sem a consideração do marco cristão da ressurreição. Essa prerrogativa indica que a chave para a proclamação, construção e manutenção de ambos os horizontes cristológicos está no enigma pascal⁴⁶. Nas palavras de Kessler:

Vida, morte e ressurreição de Jesus constituem um conjunto definidor diferenciado, porém indiscutível em que se fundamentam a fé em Cristo e a cristologia. A cristologia se origina do encontro com o Jesus histórico, porém não como tal (como algo passado), senão como exaltado e de novo presente em Espírito. O conhecimento fundamental e rico em conteúdo pascal constitui por si mesmo o ponto de partida e a fonte primordial da reflexão cristológica explícita⁴⁷.

No que concerne à análise das cristologias explícitas nas linhas do Novo Testamento, demarca-se que o fator catalisador de sua gênese é a ressurreição de Jesus⁴⁸. Entretanto, faz-se necessário dizer que as cristologias escritas, produzidas e registradas no seio das comunidades cristãs originárias não se consumam no fenômeno da ressurreição de Jesus. Ao contrário, no âmbito da reelaboração e reflexão cristológica pós-pascal, a cristologia neotestamentária se inicia na ressurreição. Nessa conjuntura, o fator kerigmático das comunidades cristãs originárias posiciona a ressurreição de Jesus como um paradigma de construção cristológica do campo neotestamentário. É o fenômeno da ressurreição que desperta, nas memórias e nos corações, a necessidade de atualização da resposta à pergunta clássica de Jesus: ‘E vós, quem dizeis que eu sou?’⁴⁹.

⁴⁶ KESSLER, Hans. *Manual de cristologia*, p. 86.

⁴⁷ KESSLER, Hans. *Manual de cristologia*, p. 86, tradução própria.

⁴⁸ KESSLER, Hans. *Manual de cristologia*, p. 86.

⁴⁹ Na gênese do enigma cristológico neotestamentário, encontra-se o próprio Jesus de Nazaré. Nas palavras de Culmann (2001, p. 22), “desde os primórdios dos cristianismos, o problema cristológico das comunidades cristãs já se instaura no horizonte da própria vida de Jesus, onde ele mesmo suscita a problemática, ao dizer ‘E vós, quem dizeis que eu sou?’”.

Nos bastidores dessa indagação aparentemente simples se esconde uma complexa história interpretativa. O primeiro aspecto a ser tratado é que não existe uma só resposta a esse questionamento. Pelo contrário, a indagação feita por Jesus provavelmente acendeu uma sequência de tentativas de compreensão acerca de sua pessoa por parte daqueles(as) que o seguiam. Esse encadeamento pode ser observado nos escritos do Novo Testamento e também nos textos apócrifos. São essas tentativas de respostas articuladas pelos(as) autores(as) e comunidades neotestamentárias, a partir de um processo hermenêutico de compreensão acerca da pessoa e obra de Jesus, que tratamos por cristologias.

A pluralidade do termo assinala a existência não só de registros de diversos olhares, mas também, por consequência, de vetores hermenêuticos que, dentro de uma dinâmica revelacional processual, proclamam a pessoa e obra de Jesus na história. Nesse processo, as imagens do Cristo se misturam e se idealizam a partir dos anseios e da fé de seus seguidores(as). Na concepção de Schnackenburg, todas as cristologias neotestamentárias, apesar de se nutrirem de tradições e ambientes diferentes e serem endereçadas a ouvintes específicos, possuem um centro em comum: “justamente a pregação de Cristo”⁵⁰. Mas que Cristo? Diante desse questionamento, as cristologias do Novo Testamento são construtos hermenêuticos, nos quais a variabilidade de testemunhos e percepções está ancorada a múltiplos fatores, além de evidenciarem uma diversidade cristológica que possui peculiaridades e que não deve ser unilateralizada⁵¹.

Apesar das multiplicidades e peculiaridades dos retratos⁵² de Jesus pintados com os traços da fé cristã originária, as cristologias do Novo Testamento

⁵⁰ SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio según san Juan: versión y comentario*. Versión catalana de Claudio Gancho. Barcelona: Herder, 1987, p. 109, tradução própria.

⁵¹ Diante do quadro que evidencia uma pluralidade de cristologias, cabe ponderação. Nesse sentido, a teologia dogmática deve tomar conhecimento da pluralidade das cristologias neotestamentárias, para guardar-se de reduzi-las a uma linha unitária ou de converter algumas delas unilateralmente em norma (KESSLER, 2003, p. 115).

⁵² Cf. VERMES, Geza. *As várias faces de Jesus*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2006. A obra de Geza Vermes fala sobre as várias faces de Jesus dentro das concepções hermenêuticas do Novo Testamento. Sobre o QE, ele particularmente acredita que existam vários retratos de Jesus superpostos. Para maiores informações, ver em Vermes (2006, p. 15-74).

não são paradigmas excludentes, mas sim dialógicos⁵³. Aparentemente, desde o começo da reflexão cristológica cristã, deram-se e se sobrepujaram diferentes intenções de formulação e formas de expressão com influências e limitações recíprocas. Todavia, não devemos analisar esses empreendimentos cristológicos como conceitos independentes, rivais ou excludentes. Pelo contrário, essas diversas compreensões acerca da pessoa de Jesus evidenciam uma pluralidade de formulações nas quais subjaz uma unidade essencial⁵⁴. As mesmas se enraízam em diversas fontes e testemunhos da tradição cristã que remetem a um único Cristo, ainda que compreendido de formas e sob dimensões diferentes. Sob esse ponto de vista, o fundamento de tal pluralidade não está somente na multiplicidade de olhares e situações, senão em um mesmo objeto: Jesus Cristo. Este dentro das versões e expectativas apresenta muitas faces, sem que nenhuma cristologia possa abarcar sua totalidade⁵⁵. Por essa razão, o complexo cristológico neotestamentário está permeado por uma multiplicidade de cristologias que compartilham um caráter de complementariedade, justamente por se estabelecerem a partir de uma única matriz interpretativa. Esse protótipo, ainda que desenhado em um painel de múltiplos retratos, revela a existência de um núcleo cristológico coeso⁵⁶ e normativo⁵⁷ no panorama do Novo Testamento.

No que tange ao Evangelho joanino, seu complexo cristológico se complementa tanto sob um aspecto intraevangelho como dentro de uma análise cristológica sinótica intertextual. Dessa forma, o pressuposto da unidade essencial cristológica também se aplica às cristologias intrínsecas em seu conteúdo, uma

⁵³ Não é em vão que diferentes concepções cristológicas coexistem no cânon neotestamentário. Esse fato indica que se tratava desde o princípio e se tratará sempre no futuro de uma relação dialógica entre diversas tradições e conceitos cristológicos (KESSLER, 2003, p. 115).

⁵⁴ KESSLER, Hans. *Manual de cristologia*, p. 87.

⁵⁵ KESSLER, Hans. *Manual de cristologia*, p. 116.

⁵⁶ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*, 2001. Cullmann (2001, p. 411) também concorda que a complexidade da cristologia neotestamentária não desconfigura sua unidade essencial. Essa unidade essencial em meio a diversidades de olhares se faz matriz exegética de nossa investigação acerca da cristologia joanina.

⁵⁷ Na prática, os modelos cristológicos do Novo Testamento possuem caráter normativo e todas as tentativas posteriores de confissões cristológicas adequadas tanto a Jesus, como à própria situação, tem que ser medida pelos mesmos modelos. Eles são o filtro e fundamento das cristologias posteriores (KESSLER, 2003, p. 120).

vez que o complexo cristológico joanino não se contradiz, mas se complementa; se potencializa a cada passo de fé da comunidade. De maneira semelhante, as cristologias implícitas ou explícitas no Evangelho joanino não entram em conflito com o *corpus* cristológico neotestamentário, mas se estabelecem sob um caráter de dialogicidade e complementariedade em relação ao mesmo.

Lançados alguns pressupostos acerca da relação entre cristologia neotestamentária e cristologia joanina, faremos na sequência um tratamento epistemológico no tocante aos aspectos intrínsecos à saga cristológica da comunidade do QE. À luz destes vetores interpretativos, o herói joanino invencível como o sol brilha cada vez mais.

3. A saga cristológica do herói: pressupostos teóricos de interpretação

A cristologia joanina é um dos frutos mais amadurecidos da reflexão acerca de Jesus Cristo no âmbito dos cristianismos originários⁵⁸. Por essa razão, a compreensão acerca do herói joanino não é algo tão simples de se estabelecer. Sua imagem foi construída, revista e reinterpretada durante a vida daqueles(as) que o seguiram, creram e escreveram acerca dele. No caso específico do QE, essa multiformidade imagética do Cristo se identifica na medida em que os horizontes da vida de Jesus e da comunidade se entrecruzam e evidenciam a existência de um complexo trajeto cristológico percorrido pela comunidade joanina. Nesse trajeto, Jesus não estava ausente. Ao contrário, fazia-se companhia pelo caminho, no qual o herói, passo a passo, se revelava.

Entretanto, uma proposta reconstitutiva que aluda a essa complexa conjuntura cristológica não se edifica sem alguns pressupostos teóricos matriciais de interpretação. Estes substratos hermenêuticos se delineiam na sequência, a saber:

1- Concebemos que o movimento dinâmico cristológico joanino está diametralmente ligado a um processo hermenêutico de compreensão acerca da

⁵⁸ SCHNACKENBURG, Rudolf. *Jesus Cristo nos quatro Evangelhos*, p. 235-237.

pessoa de Jesus. Em outros termos, a saga cristológica joanina se associa diretamente a um processo genético-noemático de interpretação⁵⁹ acerca do seu herói. Nesse *acto* hermenêutico, o herói joanino vai sendo descoberto, revelado a cada passo da comunidade, desde a dimensão do seu reino até à esfera da sua glória. Esse processo está intimamente relacionado a um núcleo hermenêutico que consideramos preponderante para a estruturação e compreensão cristológica joanina: a revelação divina. Nesse aspecto, um dos pressupostos matriciais de nossa investigação acerca da cristologia joanina é que a mesma se constrói mediante um processo revelacional⁶⁰. Esse envolve uma dinâmica do crer que se estrutura a cada passo da comunidade joanina ao lado de Jesus.

Partimos da proposição de que o Evangelho joanino é uma obra estruturada dentro de um processo revelacional do Espírito⁶¹. Dessa forma, tanto o *sitz im leben* joanino quanto sua cristologia estão amplamente vinculados à experiência com o Espírito Santo. Tendo em vista essa concepção, a chave do noema cristológico do QE é o Paráclito⁶². Dentro do

⁵⁹ Cf. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006. Para Heidegger (2006, p. 203-204), a matriz de toda interpretação está no compreender. Segundo ele, “compreender é o ser existencial do próprio poder-ser da presença de tal maneira que, em si mesma, esse ser abre e mostra a quantas anda seu próprio ser”. Na relação entre presença e compreensão, “o compreender sempre diz respeito a toda a abertura da presença como ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2006, p. 206). É dentro dessa esfera ontológica que se encontra a arte da interpretação, a partir dessa relação fenomênica entre o ser humano e a realidade à sua volta. À luz desse prisma teórico, a interpretação é uma elaboração, “não é tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas no compreender” (HEIDEGGER, 2006, p. 209).

⁶⁰ Acerca da revelação no panorama neotestamentário, cf. BROWN, Raymond E. *Introducción a la cristología del Nuevo Testamento*, p. 159-160.

⁶¹ BRUCE, F. *João: introdução e comentário*. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1987, p. 28.

⁶² TEPEDINO, Ana Maria Azevedo Lopes. *Espiritualidade e ética: Jesus Cristo e a história da Comunidade joanina*, p. 96. “Podemos sustentar que o Espírito realiza uma interpenetração de horizontes (o da vida de Jesus e o da vida atual da comunidade), criando um terceiro horizonte, que é precisamente o do texto do evangelho. Nesse sentido é que podemos afirmar que ele é o verdadeiro teólogo, o verdadeiro exegeta e hermeneuta, responsável pela redação do evangelho. Esse tem por conteúdo a tradição de Jesus compreendida como uma nova ética comunitária, nova forma de amar e solidarizar-se. Sem o Espírito, a vida de Jesus é opaca e aberta a mal-entendidos e incompreensões. Somente Sua ação possibilita o conhecimento do mistério de Jesus” (TEPEDINO, 1993, p. 96).

processo revelacional em que se constitui a complexa cristologia joanina, o fator pneumático é um importante dado hermenêutico, tendo em vista que no Evangelho joanino é o Espírito Santo quem realiza, legítima e autoriza a interpretação acerca de Jesus⁶³.

Nas palavras de Tepedino:

Somente a partir desta recordação interpretada, a comunidade joanina compreende o que Jesus fez, percebe de maneira nova os eventos salvíficos, entende mais claramente a identidade de Jesus através de um novo e mais profundo conhecimento, assume a fé de maneira adequada, se sente encorajada diante das dificuldades. Desse modo, se explicita o verdadeiro sentido do acontecimento revelador de Jesus para a comunidade⁶⁴.

Toda essa trajetória é estruturada por um paradigma revelacional e fenomenológico que envolve o testemunho, a experiência e a fé em Jesus proclamada e vivenciada pela comunidade joanina em meio aos dramas e crises intrínsecos à sua história. Dentro desse movimento dinâmico cristológico, a fé inicial joanina cresce e amadurece por intermédio de uma dinâmica de revelação, acolhimento, sofrimento e reflexão⁶⁵.

Provavelmente, não há construto cristológico que não se relacione ou dependa do paradigma da fé. No panorama do QE, o processo do crer joanino também se relaciona com o processo de compreensão cristológica da comunidade⁶⁶. No entendimento de Tuñi Vancelss⁶⁷, o Evangelho joanino

⁶³ TEPEDINO, Ana Maria Azevedo Lopes. *Espiritualidade e ética: Jesus Cristo e a história da Comunidade joanina*. Tese (Doutorado em Teologia) – PUC/RJ, Rio de Janeiro, p. 83.

⁶⁴ TEPEDINO, Ana Maria Azevedo Lopes. *Espiritualidade e ética: Jesus Cristo e a história da Comunidade joanina*, p. 88.

⁶⁵ TEPEDINO, Ana Maria Azevedo Lopes. *Espiritualidade e ética: Jesus Cristo e a história da Comunidade joanina*, p. 186.

⁶⁶ TEPEDINO, Ana Maria Azevedo Lopes. *Espiritualidade e ética: Jesus Cristo e a história da Comunidade joanina*, p. 186.

⁶⁷ TUÑI VANCELLS, Josep-Oriol. La estructura hermenéutica em el evangelio de Juan. *E.E.* 62, p. 215-235, 1987, *apud* TEPEDINO, Ana Maria Azevedo Lopes. *Espiritualidade e ética: Jesus Cristo e a história da Comunidade joanina*, p. 169.

evidencia uma operação hermenêutica que explicita o Jesus confessado e a comunidade confessante. A justificação última dessa operação seria a fé cristológica dessa comunidade. Essa fé cristológica instaurada dentro de um processo dialético e revelacional se faz um dos aspectos estruturantes da própria produção cristológica do Evangelho joanino.

2- Dentro da dinâmica do crer que perpassa o movimento cristológico joanino, algo significativo a se mencionar é que a fé cristológica joanina é uma fé cristocêntrica⁶⁸. Tendo em foco essa afirmativa, qualquer função cristológica que contemple a identidade de Cristo não está assegurada enquanto não se reconheça que Jesus é o centro de toda revelação⁶⁹. No movimento dinâmico cristológico joanino, a partir de uma realidade fenomenológica que envolve o crer e a experiência da comunidade com o próprio Cristo, a pessoa de Jesus é o foco, início e motivo de toda revelação.

Na concepção de Segalla, a vida e experiência da comunidade joanina, enquanto comunidade, não deve ser medida fenomenologicamente de acordo com os parâmetros que moldam uma sociedade, mas segundo Jesus Cristo⁷⁰. Esse parâmetro fenomenológico se vincula diretamente ao preceito revelacional do próprio Jesus no QE. Por esse motivo, ao longo da estrada da comunidade, o complexo cristológico joanino construído, ressignificado e reafirmado se faz único.

3- Esse processo cristológico de revelação na saga joanina se relaciona transversalmente com o quadro histórico implícito no QE e, sob esse aspecto, pode ser contemplado na história da comunidade. Na concepção de Schnackenburg, essa expressiva e multifacetada cristologia só pode ser desvendada na proporção em que são levados em consideração o tempo e as circunstâncias históricas que envolveram sua elaboração e surgimento⁷¹. Essa

⁶⁸ Cf. SEGALLA, Giuseppe. *A cristologia do Novo Testamento: um ensaio*, p. 134. O cristocentrismo joanino deve ser lido à luz do seu teocentrismo (SEGALLA, 1992, p. 101).

⁶⁹ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*, p. 422.

⁷⁰ SEGALLA, Giuseppe. *A cristologia do Novo Testamento: um ensaio*, p. 134.

⁷¹ SCHNACKENBURG, Rudolf. *Jesus Cristo nos quatro Evangelhos*, p. 235-237.

afirmativa, uma vez mais, alude a um Jesus joanino que se revela na caminhada e, nesse sentido, se faz conhecido através de processos históricos.

De acordo com Culmann⁷², as primeiras respostas elaboradas na tentativa de compreender a pessoa de Jesus se deram à luz de acontecimentos históricos do primeiro século, cujo alcance os seguidores de Jesus que estavam fazendo história pela fé não chegaram a discernir. Dentro de um contexto pós-pascal, esse desenvolvimento cristológico instalado na história das comunidades neotestamentárias se deu de forma gradativa. No caso específico do QE, o trajeto histórico do crer joanino evidencia que o complexo cristológico joanino não é fruto de uma só elaboração⁷³, mas, sim, de um processo hermenêutico de construção da identidade de um Jesus ressurreto.

Nesse movimento dinâmico cristológico, cada fase da comunidade está vinculada a um marco histórico temporal de acontecimentos que suscita um processo reinterpretativo acerca da pessoa de Jesus⁷⁴. Esse movimento dinâmico indica que a cristologia joanina não foi tecida à parte da história dos seus construtores, mas, sim, desenvolvida no seio de uma comunidade que enfrentou várias mudanças em sua trajetória de fé no Cristo⁷⁵. Ao considerarmos que o conhecimento cristológico se desenvolveu de forma paulatina, principalmente a partir de alguns acontecimentos históricos, podemos compreender que a própria cristologia também tenha sido concebida como acontecimento, como uma história⁷⁶. Essa ligação estabelecida entre cristologia e história também é um pressuposto de investigação, ao passo que os marcos significativos na história da comunidade joanina⁷⁷ registrados em seus estratos textuais são aspectos fundamentais para a compreensão de sua(s) cristologia(s).

⁷² CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*, p. 413.

⁷³ MATERA, Frank J. *Cristologia narrativa do Novo Testamento*, 2003.

⁷⁴ MARTYN, J. Louis. *History & Theology in the Fourth Gospel*, 1979a.

⁷⁵ MATERA, Frank J. *Cristologia narrativa do Novo Testamento*, p. 321.

⁷⁶ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*, p. 412.

⁷⁷ KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.

4- Outro aspecto importante a se considerar na investigação cristológica do QE é o prisma dialógico estabelecido entre cristologia e soteriologia⁷⁸. Todos os títulos cristológicos observados no Novo Testamento não podem ser agregados se não estiverem inscritos todos eles em uma história de salvação⁷⁹.

No tocante ao QE, Jesus é o herói da comunidade joanina, antes de tudo, pelo fato de ter realizado um feito extraordinário. No entendimento de Renan, a jornada heroica de Jesus se relaciona aos magníficos feitos dos heróis do passado, cujos sacrifícios garantiram os mais preciosos avanços para a humanidade⁸⁰. Entretanto, na concepção joanina a jornada e o sacrifício de Jesus definitivamente superam os demais feitos heroicos. Em sua obra na cruz, instaura-se a possibilidade salvífica da humanidade. Aqui se estabelece o princípio de compressão acerca do herói joanino: Jesus é herói, sobretudo, porque é salvador. Dentro dessa concepção arquetípica, o herói é aquele que possui capacidade de se sacrificar em prol de um bem estar comum⁸¹. É aquele que, como o sol, reemerge (ressuscita) do reino do terror, trazendo consigo a benção que restaura o mundo⁸².

De acordo com Kessler⁸³, a cristologia é a explicação de quem é a pessoa de Jesus e do quanto ele significa para a salvação do mundo. Dentro dessa ótica, “o alcance soteriológico não se pode separar de modo algum de sua pessoa: a cristologia como doutrina acerca da pessoa de Jesus e a soteriologia – fundamentada na mesma – como a doutrina sobre a obra de Jesus formam um todo indissolúvel”⁸⁴.

⁷⁸ Uma análise do Evangelho joanino sob o prisma soteriológico é feita por Sabugal (1972, p. 445ss).

⁷⁹ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*, 2001.

⁸⁰ RENAN, E. Vida de Jesus. Tradução de Eliana Maria de A. Martins. São Paulo: Martin Claret, 2003, *apud* CHAVES, Ernani; SENA, Allan Davy Santos. Nem gênio, nem herói: Nietzsche, Renan e a figura de Jesus. *Rev. Filos, Aurora*, Curitiba, v. 20, n. 27, jul./dez. 2008, p. 327-328.

⁸¹ VALLE, Cléa Fernandes Ramos; TELLES, Verônica. O mito do conceito de herói. *Revista eletrônica do ISAT*, São Gonçalo, n. 2, dez. 2014, p. 3.

⁸² CAMPBELL, Joseph *O herói de mil faces*, p. 137.

⁸³ KESSLER, Hans. *Manual de cristologia*, p. 116.

⁸⁴ KESSLER, Hans. *Manual de cristologia*, p. 116.

Culmann também corrobora com esse pressuposto ao assinalar que o processo cristológico intrínseco na história está vinculado diretamente ao aspecto soteriológico do Evangelho joanino, ao passo que a cristologia joanina proclama um Jesus que é centro e unidade de salvação. Na dinâmica da construção cristológica, a obra salvífica de Jesus se estabelece como um pêndulo na história⁸⁵. Sob essa perspectiva pendular, “a obra terrestre de Jesus, considerada como o acontecimento central, foi assim colocada cronologicamente no meio de uma linha da salvação que aponta para frente e para trás”⁸⁶. Esse vínculo entre história, cristologia e soteriologia se estabelece à proporção que “toda cristologia é, por conseguinte, história da salvação, e toda história da salvação é cristologia”⁸⁷.

5- O próximo vetor interpretativo expressivo em relação à construção cristológica no QE alude à interface entre a cristologia joanina e o fenômeno cultural vivenciado no seio dos grupos joaninos.

Nesse aspecto, concebemos que, guardadas as restrições às tendências binárias, bem como às políticas interpretativas superjudaizantes ou superelenizantes do Evangelho joanino, o perfil cultural joanino equacionado anuncia, em síntese, uma comunidade cristã originária predominantemente judaica em suas raízes, mas que também, desde seu início, interagiu com a cultura grega em vários graus que se estruturavam de acordo com cada momento de sua complexa história. Esse espectro cultural, por sua vez, encontra-se diametralmente relacionado ao processo revelacional noemático de construção da imagética do Jesus joanino ao longo da saga cristológica da comunidade do QE. Nessa *dynamis* de imbricamentos, a digital cultural da comunidade diagramada desde os primórdios sob uma matriz cultural judaico-helênica⁸⁸ exerce influência sobre sua digital cristológica joanina. Engendra-se, assim, o que chamamos de cristocultura joanina.

⁸⁵ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*, 2001.

⁸⁶ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*, p. 419.

⁸⁷ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*, p. 425.

⁸⁸ HENGEL, Martin. *The Johannine Question*. Translated by John Bowden. London: SCM Press, 1989.

5- Outro fator epistemológico inerente à construção cristológica no QE diz respeito à interconexão entre a cristologia joanina e o conceito de heterotopia.

No estudo acerca da saga cristológica da comunidade joanina, o acionamento da categoria heterotopia contribui para a elucidação acerca da variabilidade cristológica, verificada quanto à mutabilidade e, por conseguinte, quanto às teleologias que envolvem cada momento ou fragmento cristológico da comunidade, haja vista que esse referencial teórico (re)direciona a compreensão da cristologia joanina para o espaço dos conflitos e contraposições em prol do kerigma do Cristo.

Na perspectiva de Foucault⁸⁹, as heterotopias são outros espaços. Esses são lugares reais, espécies de utopias realizadas nas quais os posicionamentos reais que se encontram no interior de determinada cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos. Estes espaços diferentes são caracterizados por serem uma espécie de contestação concomitantemente mítica e real do espaço em que se vive.

Sob esse prisma teórico, arquitetamos que o processo de construção da imagem do herói joanino em alguma dimensão se relaciona com a perspectiva de inversão e contestação paradigmática em que se insere o referencial heterotopológico *foucaultiano*. Na esfera dos espaços e das contraposições⁹⁰, a saga cristológica da comunidade anuncia um processo de compressão acerca de Jesus que também se relaciona com a vivência e conflitos marcados na história da comunidade⁹¹. Diante dessa conjuntura, a cristologia joanina prefigura um aspecto crítico. Sob esse ângulo interpretativo, o complexo cristológico joanino fruto da fé surgiu de relações, anseios e elaborações em comunidade e se

⁸⁹ FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: Manoel Barros da Motta. (Org.). *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.

⁹⁰ Cf. RICHTER REIMER, Ivoni. Construção de heterotopias socioculturais nas obras de comunidades judaico-cristãs. *Caminhos*, Goiânia, v. 3, n.1, p. 113- 122, jan./jun. 2004. GUERRA, Danilo Dourado. *O Reino de Deus e o mundo dos homens: em busca da heterotopia joanina*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

⁹¹ GUERRA, Danilo Dourado. *Heróis em cena: a construção paradigmática contracultural da mesocristologia joanina*, 2018.

instituiu como respostas a circunstâncias sociais⁹². Nesse panorama de ocorrências conflitantes, guardadas as políticas reducionistas de interpretação, a cristologia joanina se instaura de forma reativa, como espaço de contraposição e, nesse aspecto, faz-se construto heterotópico⁹³. Nesse sentido, postulamos a existência de uma cristotopia no QE.

5- O próximo metaponto interpretativo em relação à construção cristológica joanina é a inferência de uma correlação entre cristologia, teologia e política no QE.

Já nas fórmulas cristológicas mais antigas, evidencia-se a relação estreita entre teologia e cristologia⁹⁴. Essa relação se estabelece dentro de uma dinâmica dialética em que a cristologia contém e se estrutura através de elementos teológicos e a teologia contém e se ramifica através de elementos cristológicos. Este movimento, de um lado, segue da teologia para a cristologia e leva à confissão da ação escatológico-salvífica em Jesus, de outro, parte da cristologia para a teologia e leva o reconhecimento da divindade de Jesus⁹⁵. Nesse aspecto, a cristologia se torna o estudo teológico acerca de Jesus Cristo⁹⁶.

Do mesmo modo que se relaciona com a teologia, a cristologia joanina possui uma interface com o ordenamento político estruturado no âmbito experiencial da comunidade. Destarte, se por um lado o Evangelho joanino é um escrito teológico, por outra parte, o mesmo também possui traços comunitários e eclesiais que demandam uma configuração política em sua estrutura redacional e cristológica.

Esta interação entre cristologia, teologia e política no QE, remete, por sua vez, à existência de um matiz teo-político estruturado no âmbito de

⁹² MARTYN, J. Louis. *The gospel of John in christian history: essays for interpreters*. New York: Paulist Press, 1979b. TEPEDINO, Ana Maria Azevedo Lopes. *Espiritualidade e ética: Jesus Cristo e a história da Comunidade joanina*, 1993.

⁹³ GUERRA, Danilo Dourado. *Heróis em cena: a construção paradigmática contracultural da mesocristologia joanina*, 2018.

⁹⁴ SEGALLA, Giuseppe. *A cristologia do Novo Testamento: um ensaio*, p. 130.

⁹⁵ SEGALLA, Giuseppe. *A cristologia do Novo Testamento: um ensaio*, p. 132.

⁹⁶ RALPH, Margaret Nutting. *La Sagrada Escritura: alimentados por la Palavra*. Chicago: Loyola Press, 2006, p. 88.

cristológico joanino. Nesse encadeamento, a relação entre a teo-política joanina e sua construção cristológica fornece uma plataforma analítica acerca da trajetória cristológica dessa comunidade, assim como permite adentrar de forma específica nos cenários particulares em que a economia teo-política joanina e sua cristologia se relacionam. Em outras palavras, o trajeto cristológico da comunidade está permeado pela concepção teo-política da mesma. Nesse trajeto de compreensão acerca da pessoa e obra de Jesus, a dança da teo-política joanina está sujeita a variações. Todavia, faz-se sempre presente⁹⁷. Aqui, há de se salientar que tanto o tratamento quanto a utilização da categoria teo-político, na análise do trajeto constitutivo da cristologia da comunidade, de forma alguma reduz a cristologia joanina a um tratado politológico.

6- Por fim, o último vetor epistemológico intrínseco a saga cristológica joanina diz respeito à consideração de uma cena pluricristológica no QE.

Há um consenso entre as pesquisas recentes em relação à existência de um processo de várias revisões pelas quais o Evangelho joanino foi submetido em seu panorama redacional. Essas sucessivas revisões indicam etapas de desenvolvimento cristológico no seio da comunidade, além de revelar a existência de vários estratos cristológicos em seu conteúdo⁹⁸. Essas etapas de construção cristológica da comunidade explicitam e se relacionam com um movimento progressivo de compreensão acerca da pessoa de Jesus e, de certa forma, apontam para um cenário plural de cristologias que se integram e se complementam⁹⁹ sob um prisma de dialogicidade. Destarte, tendo em vista o aspecto fragmentário da estruturação cristológica do Evangelho joanino e a existência de um trajeto paulatino de compreensão acerca de Jesus,

⁹⁷ GUERRA, Danilo Dourado. *Heróis em cena: a construção paradigmática contracultural da mesocristologia joanina*, 2018.

⁹⁸ MATERA, Frank J. *Cristologia narrativa do Novo Testamento*, p. 320. VIDAL, Senén. *Evangelio y Cartas de Juan: Génesis de los textos juánicos*. Bilbao: Mensajero, 2013.

⁹⁹ Como já observado, o processo de construção cristológica joanino evidencia a existência de uma pluralidade de compreensões acerca de Jesus que se estabelecem de forma gradativa. Essas compreensões observadas a partir de uma dinâmica revelacional têm caráter de complementariedade e não se excluem dentro de um prisma hermenêutico final.

podemos identificar nos estratos do mesmo a existência isolada, porém não interdependente, de cristologias.

Esta pluralidade cristológica estruturada nas linhas e fontes, ou fragmentos, do QE também é resultante do processo revelacional cristológico instaurado no âmbito experiencial da comunidade. Dentro dessa *dynamis* revelacional, os estratos textuais do Evangelho podem ser vistos como códigos interpretativos que evidenciam os passos de fé de sua comunidade que, a partir de sua memória e experiência revisita, reinterpreta as tradições e narrativas do passado à luz do seu presente. Nesse ínterim, as memórias e narrativas não são descartadas, mas, sim, ressignificadas, potencializadas e agregadas nos discursos e no kerigma messianológico da própria comunidade.

Dentro de uma dinâmica cristológica e cristocêntrica, a partir um pressuposto de potencialização interpretativa acerca de Jesus, o que a comunidade joanina percebe com muito mais clareza do que qualquer de seus predecessores¹⁰⁰ que Jesus é o Evangelho e o Evangelho é a pessoa de Jesus¹⁰¹. Nesse trajeto, como afirma Martyn¹⁰², o Jesus joanino passa a ser compreendido de forma cada vez mais gloriosa. Ao longo desse percurso, o herói joanino que antes era visto como Rei passa a ser compreendido também como Deus¹⁰³.

Por seu turno, este painel estratigráfico das fontes do Evangelho joanino releva a existência de múltiplas cristologias e títulos cristológicos que se dividem a partir da dialética entre baixa e alta cristologias¹⁰⁴ e o modelo

¹⁰⁰ Cf. BARRETT, Charles. *The Gospel according to St. John*. Philadelphia: Westminster Press, 1978. Barrett (1978, p. 70) considera um pressuposto de potencialização interpretativa joanino acerca de Jesus em relação aos sinóticos.

¹⁰¹ BARRETT, Charles. *The Gospel according to St. John*, p. 70.

¹⁰² MARTYN, J. Louis. *History & Theology in the Fourth Gospel*. Nashville: Abingdon, 1979a.

¹⁰³ GUERRA, Danilo Dourado. *Heróis em cena: a construção paradigmática contracultural da mesocristologia joanina*, p. 235-283.

¹⁰⁴ Cf. BROWN, Raymond E. *Introducción a la cristología del Nuevo Testamento*, 2001. De acordo com Brown (2001, p. 15-16), no campo da pesquisa neotestamentárias, os especialistas distinguem diferentes classes de cristologias. Basicamente apontam a cristologia ascendente, 'baixa' ou desde baixo, que compreende as valorações atribuídas a Jesus sem necessariamente incluir sua divindade. Por exemplo: Messias, Rabi, profeta, Sumo sacerdote, Salvador e senhor. Por outro lado, indicam a

cristológico por nós denominado de mesocristologia joanina. No enredo joanino, a mesocristologia se configura como um neoprotótipo cristológico sintético, no qual os modelos cristológicos da baixa e alta cristologias orbitam, plasmam-se e se ressignificam dialética e complementarmente¹⁰⁵. Em síntese, o protótipo mesocristológico estrutura-se de forma perpendicular como ponto de equilíbrio, intersecção e síntese cristológica integral e explicita uma relação amalgamática e (re)estruturante não excludente entre as matrizes protocristológicas horizontal e vertical no QE. Este modelo cristológico se designa como o vetor epistemológico e categorial cristológico-analítico mais sofisticado para os estudos do QE¹⁰⁶.

Isto posto, a equação de todos estes elementos nos converge para uma tentativa de conclusão. Caminhemos.

4. Conclusão

A motivação genética deste artigo se encontra na tentativa de contribuição epistemológica em relação aos meandros que envolvem o complexo processo de construção e estruturação cristológica no QE. Nesse intuito, no decorrer do texto, procuramos fornecer substratos teóricos interpretativos para um ensaio de decodificação da face do Jesus joanino.

O primeiro substrato plasma-se no diálogo estabelecido entre cristologia joanina e o restante do arcabouço cristológico neotestamentário. Esta interface revelou o paradigma da ressurreição do herói como o metaponto catalizador da produção cristológica das comunidades cristãs originárias, assim como propiciou tanto o senso comparativo que abarca semelhanças,

existência de uma cristologia descendente, ‘alta’ ou desde cima, que compreende a valoração de Jesus com termos que incluem um aspecto de divindade. Como por exemplo: Senhor, Filho de Deus e Deus.

¹⁰⁵ GUERRA, Danilo Dourado. *Heróis em cena: a construção paradigmática contracultural da mesocristologia joanina*, p. 318.

¹⁰⁶ GUERRA, Danilo Dourado. *Heróis em cena: a construção paradigmática contracultural da mesocristologia joanina*, p. 318.

diferenças e, principalmente, complementariedade entre concepções acerca de Jesus na esfera dos Evangelhos, sobretudo o joanino.

A segunda camada teórico-interpretativa se relaciona à saga cristológica joanina e engloba alguns vetores epistemológicos que apontam a interface entre o elemento cristológico joanino e diversos aspectos genéticos inerentes a ele. Nesse diagrama, equacionamos: 1- a revelação divina como núcleo hermenêutico-noemático cristológico joanino; 2- o paradigma cristocêntrico joanino como pressuposto de estruturação cristológica no QE; 3- a relação entre cristologia e o panorama histórico vivenciado pelos grupos joaninos; 4- o elemento soteriológico como o principal formatador kerigmático da cristologia joanina; 5- o nexos entre cristologia e cultura como matiz estruturante do fator cristocultural joanino; 6- o referencial heterotopológico *foucaultiano* como pressuposto de compreensão de uma cristologia joanina, estruturada também como espaço de contraposição; 7- o pressuposto interpretativo que evoca a relação entre cristologia, teologia e política e a concepção de um consequente eixo cristológico teo-político no QE; 8- o pressuposto existencial de uma pluricristologia no âmbito dos estratos joaninos, que, por sua vez, aponta para a contingencial estruturação do neoprotótipo protocristológico que denominamos de mesocristologia joanina.

Todos estes elementos quantizados são de suma importância quando nos referimos à propositiva de se conceber como o herói joanino foi compreendido. Com estes substratos epistemológicos podemos caminhar de forma mais segura diante do desafio exegético de reconstituição e decodificação do enigma cristológico do QE. Este desafio nos aponta a trama de sua inesgotabilidade. Por isso, se faz atual e sempre presente.

Bibliografia

BARRETT, Charles. *The Gospel according to St. John*. Philadelphia: Westminster Press, 1978.

BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João: Comentário*. Tradução de Johan Konings. São Paulo: Loyola, 2013. Disponível em

<<http://livrozilla.com/doc/1149300/beutler-coment%C3%A1rio-i-sem-categoria-coment%C3%A1rio>> Acesso em: 21 jun. 2018.

BOUSSET, Wilhelm. *Kyrios Christos: a History of the Belief in Christ from the Beginnings of Christianity to Irenaeus*. Translated by John E. Steely. Nashville: Abingdon, 1970.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

BRELICH, Angelo. *Gli eroi greci: um problema storico*. Roma: Edizioni dell'Ateneo e Bizzarri, 1978.

BRO LARSEN, Kasper. Narrative docetism: christology and storytelling in the Gospel of John. In: BAUCKHAM, Richard; MOSSER, Carl (Orgs). *The Gospel of John and Christian theology*. Grand Rapids: Eerdmans, 2008. p. 346-355.

BROWN, Raymond E. *Introducción a la cristología del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sigueme, 2001.

BRUCE, F. *João: introdução e comentário*. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1987.

BULTMANN, Rudolf. *Primitive Christianity in its Contemporary Setting*. Translated by R. H. Fuller. London: Thames and Hudson, 1956.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

_____. *O herói de mil faces*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/ Pensamento, 1997.

CHAVES, Ernani; SENA, Allan Davy Santos. Nem gênio, nem herói: Nietzsche, Renan e a figura de Jesus. *Rev. Filos, Aurora*, Curitiba, v. 20, n. 27, p. 321-336, jul./dez. 2008.

CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Tradução de Daniel Costa e Daniel de Oliveira. São Paulo: Liber, 2001.

DUNDES, Alan. *The hero pattern and the life of Jesus*. Berkeley: Center for Hermeneutical Studies in Hellenistic and Modern Culture, 1977.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: Manoel Barros da Motta. (Org.). *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meuer. Petrópolis: Vozes, 1997.

GUERRA, Danilo Dourado. *O Reino de Deus e o mundo dos homens: em busca da heterotopia joanina*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

_____. *Heróis em cena: a construção paradigmática contracultural da mesocristologia joanina*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.

HENGEL, Martin. *The Johannine Question*. Translated by John Bowden. London: SCM Press, 1989.

_____. *Studies in early christology*. New York: Clark International, 2004.

KESSLER, Hans. *Manual de cristologia*. Traducción Claudio Gancho y Marciano Villanueva. Barcelona: Herder Editorial, 2003.

KIERKEGAARD, Soren. *Temor e Tremor*. Tradução de Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro: tecnoprint, s/d.

KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.

MARTYN, J. Louis. *History & Theology in the Fourth Gospel*. Nashville: Abingdon, 1979a.

_____. *The gospel of John in christian history: essays for interpreters*. New York: Paulist Press, 1979b.

MATERA, Frank J. *Cristologia narrativa do Novo Testamento*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, Vozes, 2003.

MATOS, Olgária Chain Féres. Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional. *Tempo Social*, São Paulo, v. 6, n.1-2, p. 83-90, 1994.

MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. Tradução de Nadyr de Salles Penteadó. São Paulo: Loyola, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações Intempestivas*. Tradução de Lemos de Azevedo. Portugal: Editorial Presença, 1977.

RALPH, Margaret Nutting. *La Sagrada Escritura: alimentados por la Palabra*. Chicago: Loyola Press, 2006.

RENAN, E. *Vida de Jesus*. Tradução de Eliana Maria de A. Martins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

RICHTER REIMER, Ivoni. Construção de heterotopias socioculturais nas obras de comunidades judaico-cristãs. *Caminhos*, Goiânia, v. 3, n.1, p. 113-122, jan./jun. 2004.

STEVANOVIĆ, Lada. Human or Superhuman: the Concept of Hero in Ancient Greek Religion and/in Politics. *Bulletin of the Institute of Ethnography*, Belgrade, v. 56/2, p. 7-22, 2008.

SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio según san Juan: versión y comentario*. Versión catellana de Claudio Gancho. Barcelona: Herder, 1987.

_____. *Jesus Cristo nos quatro Evangelhos*. Tradução de Guido Edgar Wenzel. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

SEGALLA, Giuseppe. *A cristologia do Novo Testamento: um ensaio*. Tradução de José Luís Gonzaga do Prado. São Paulo: Loyola, 1992.

SELLIER, Phillipe. *Le Mythe du Héros*. Paris: Bordas, 1970.

TEPEDINO, Ana Maria Azevedo Lopes. *Espiritualidade e ética: Jesus Cristo e a história da Comunidade joanina*. Tese (Doutorado em Teologia) – PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1993.

TOURINHO, Carlos Diógenes Côrtes. A estrutura do noema e a dupla concepção do objeto intencional em Husserl. *Veritas*, Porto Alegre, v. 58, n. 3, p. 482-498, set./dez. 2013.

TUÑI VANCELLS, Josep-Oriol. La estructura hermenêutica em el evangelio de Juan. *E.E.* 62, p. 215-235, 1987.

VALLE, Cléa Fernandes Ramos; TELLES, Verônica. O mito do conceito de herói. *Revista eletrônica do ISAT*, São Gonçalo, n. 2, p.1-6, dez. 2014.

VERMES, Geza. *As várias faces de Jesus*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2006.

VIDAL, Senén. *Evangelio y Cartas de Juan: Génesis de los textos juánicos*. Bilbao: Mensajero, 2013.

Recebido em: 07/03/2019

Aprovado em: 10/05/2019